

A pretexto da revelação póstuma: narrativa e leitura em *Grande Sertão: Veredas*

1. Estrutura e forma da narrativa

Grande Sertão: Veredas (GSV, de ora em diante) inicia-se com um travessão, marca de que o que se segue é a fala de uma personagem. Desde cedo, se fica a saber que é uma fala que se dirige a alguém (“Tiros que o senhor ouviu (...)”¹), e que se trata de alguém que, ainda que nunca venha a intervir directamente, estará sempre presente, sendo a sua presença repetidamente assinalada ao leitor (logo no início, “O senhor ri certas risadas...” – GSV, p. 23). De facto, desde o momento inicial, o outro que ouve (que pode ser equiparado àquele que lê²) é incluído no texto: (a) reflectindo-se as suas reacções; (b) como aquele a quem o discurso é dirigido (“(...) o senhor sabe: pão ou pães (...)”, GSV, p. 24); (c) sendo directamente interpelado (“Então? *Que diga?* Doideira.”, GSV, p. 25), assim se mostrando a sua importância na narrativa. Deste modo, incluindo-se o leitor-ouvinte na narração, deixa-se claro, desde logo, que a apreensão do significado de uma narrativa é indissociável quer daquele que narra, quer daquele que ouve ou lê³.

Assim, a própria estruturação da obra, sob a forma de uma voz narrativa dirigida ao outro, realça a dimensão do destinatário e da leitura na apreensão do sentido daquilo que irá ser contado⁴, admitindo mesmo que não exista uma total conformidade entre o que é narrado e o que é lido (cf. GSV, p. 203: “O senhor entenderá? Eu não entendo.”; p. 328: “Viver é muito perigoso; e não é não. Nem sei explicar estas coisas. Um sentir é o do sentente, mas outro é o

¹ Cf. ROSA, 2006, p. 23. Todas as citações de GSV serão tiradas desta edição.

² MACHADO & PEREIRA, 2001, p. 77: “O autor usa a primeira pessoa, como opção forte e necessária da voz de um narrador-protagonista que lembra e diz. Mas esse narrador, por sua vez, se divide, e ao mesmo tempo se expande, no outro que ouve, no seu interlocutor, o “senhor” que recebe a narrativa (...). Esse outro vem também a ser, afinal, o leitor.”

³ BROOKS, 1992, p. 236: “Framed narratives and those (...) that incorporate the listener in the discourse of the speaker illustrate most explicitly a condition of all narrative: shape and meaning are the product of the listening as of the telling.”

⁴ Manifestado, desde logo, com a declaração a p. 24: “Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte.”, admitindo, assim, a possibilidade de uma pluralidade de leituras, e o sertão (o sentido ou significado, figurativamente) como a possibilidade de todas elas. Daí que, também, “O sertão é do tamanho do mundo.” (GSV, p. 89), pois permite incluir toda a pluralidade.

do sentidor.”; p. 616: “Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade.”, p. 616).

O objecto do discurso é, em *Grande Sertão:Veredas*, a história da vida de Riobaldo contada por si próprio, sendo que, numa fase inicial, a narrativa é feita erraticamente, indo à frente e voltando atrás, sem respeitar qualquer dimensão cronológica no ocorrido, mas deixando-se conduzir pela livre associação da memória. Um facto contado conduz ao seguinte, sem que exista ou tenha existido, necessariamente, qualquer sequência ou ligação temporal entre eles, mas apenas por assim surgirem na memória do narrador. A adopção de tal forma em *GSV* é uma opção consciente do próprio narrador: se é verdade que Riobaldo começa por atribuir esta forma de narrar à sua ignorância⁵, é também verdade que, de seguida, afirma não ter narrado "nada à-toa":

Só sim? Ah, meu senhor, mas o que eu acho é que o senhor já sabe mesmo tudo – que tudo lhe fiei. Aqui eu podia pôr ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe baste, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei nada à-toa: só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo. Vai assim, vem outro café, se pita um bom cigarro. Do jeito é que retorço meus dias: repensando. (ROSA, 2006, pp. 324-5).

Aliás, mesmo no momento em que afirma não saber contar, simultaneamente reconhece que o que lhe interessa "é o caso inteirado em si"⁶, e não a “sobre-coisa, a outra-coisa” (o conhecimento). E, para se aproximar do “caso inteirado em si” é necessária uma forma narrativa que se comporte como aquele: aleatória e imprevisivelmente.

Ou seja, Riobaldo-narrador adquire uma dimensão meta-narrativa, que pretende conduzir quem ouve (ou lê) a pensar sobre a própria forma narrativa. A narração obedece ao tempo do passado, tentando representá-lo tal como ele aconteceu - de uma forma aleatória, porque, no momento em que aconteceu (quando era ainda presente), não estava concluído, sendo impossível prever a sucessão dos acontecimentos futuros (e imprevisíveis, por ainda não terem ocorrido e a vida não obedecer a qualquer lógica sequencial). A (des)organização do discurso

⁵ Cf. *GSV*, p. 214: “O senhor tolere minhas más devassas no contar. É ignorância. Eu não converso com ninguém de fora, quase. Não sei contar direito. (...) Agora, neste dia nosso, com o senhor mesmo – me escutando com devoção assim, é que aos poucos vou indo aprendendo a contar corrigido.”, onde, mais uma vez, se salienta o papel do interlocutor na forma da narração adoptada.

⁶ *GSV*, p. 214: "Não sei contar direito. Aprendi um pouco foi com o compadre meu Quelemém; mas ele quer saber tudo diverso: quer não é o caso inteirado em si, mas a sobre-coisa, a outra-coisa."

narrativo, na fase inicial de *GSV*, persegue uma tentativa de fidelidade ao ocorrido, visando, pela forma da narração, a recuperação do passado como o foi enquanto era presente. Como “aprender-a-viver é que é o viver, mesmo.”⁷, também aprender a narrar será o próprio narrar – daí que só a partir de cerca de metade do livro⁸ (ou seja, quando o “narrar, mesmo” está já em curso), a narração se torne sequencialmente lógica (cronológica). A própria alteração da maneira de narrar pretende pôr em evidência o processo narrativo, reflectindo-se sobre ele próprio e sobre a sua relação com o viver. Se, como refere Peter Brooks⁹, “We live immersed in narrative, recounting and reassessing the meaning of our past actions, anticipating the outcome of our future projects, situating ourselves at the intersection of several stories not yet completed.”, então, para se ser fiel ao que se viveu e se pretende narrar (e trata-se, neste caso, de uma autobiografia, pelo que tal fidelidade se impõe com mais premência), a narrativa não poderá ser fechada, meramente cronológica, omitindo as relações entre as diversas histórias que na vida se foram cruzando, ainda que de forma não sequencial.

Se, num primeiro momento, Riobaldo se apresenta como o narrador de histórias orais particulares, da sabedoria popular, das quais pode ser tirado um sentido moral por quem as ouve¹⁰, o relato dos casos próprios da sua vida na estrutura desordenada característica da primeira parte da obra, implicando o questionamento tanto da forma narrativa na sua relação com a ordem da própria vida, como dos próprios casos em si, do seu sentido ou significado, apresentam Riobaldo como um herói problemático e individual, que pretende, ao narrar, descobrir um sentido para o que aconteceu, o “sentido da vida”¹¹. Ora, também do ponto de vista do leitor é isto o que se procura na leitura de um romance: a descoberta do “sentido da vida” pelo confronto com uma vida que se apresenta já completa, fechada, sendo, assim,

⁷ *GSV*, p. 601: “Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. (...) O senhor crê na minha narração?”.

⁸ A partir do encontro com o Menino, ao qual é, retrospectivamente, no relato, atribuída uma importância decisiva. Cf., neste sentido, ARRIGUCCI JR., 1995, pp. 27-8: “Ao recontar a história de sua vida, o Narrador se dá conta da importância desse encontro, espécie de travessia em pequeno: **Foi um fato que se deu, um dia, se abriu. O primeiro.**” (*GSV* – p. 116, na edição que utilizamos), e p. 29: “Ao recontar a aventura, cujo significado não pode traduzir claramente em palavras para o interlocutor, na verdade Riobaldo formula a pergunta pela razão de ser do episódio que é decisivo para toda a sua existência, pelo sentido de um encontro que equivale, no mais fundo, ao sentido de toda a sua vida. E essa é a questão fundamental do romance. Não é à toa que, depois dela, a narração, abandonando as inversões da luta, tome a forma linear da biografia, típica do romance, com que passa a relatar o processo de uma aprendizagem ou formação.”.

⁹ BROOKS, 1992, p. 3.

¹⁰ Cfr. BENJAMIN, 1992.

¹¹ BENJAMIN, 1992, p. 46: “O “sentido da vida” é, de facto, o centro à volta do qual o romance se move.”.

susceptível de ser apreendida¹². O que distingue a narrativa, em *GSV*, é que, ao não ser apresentada de uma forma contínua, mas permitindo a associação livre consciente, e ao terminar não com o característico “Fim” (que mostra uma coisa como acabada, fechada)¹³, mas antes com o sinal de infinito (ou seja, de que está tudo em aberto, para sempre), realça o carácter provisório do relato e, simultaneamente, da leitura.

Sendo isto assim do ponto de vista do narrador, também sobre a leitura se visa um efeito idêntico¹⁴: assim como Riobaldo narra a sua vida desordenadamente, de acordo com a associação de memórias, também o leitor deve ouvir dessa maneira, na tentativa de fidelidade ao passado. Se contar é como viver, sendo impossível determinar o que se sucederá em cada momento, também o ouvinte (ou leitor) não pode nunca saber o que acontecerá a cada passo, sendo forçado a, a cada momento, reequacionar o que antes lhe tinha sido apresentado. Daí que a revelação do sexo de Diadorim não possa ser feita senão no final da leitura, depois de o leitor ter sido enganado por Riobaldo quanto ao mesmo (tal como Riobaldo o havia sido por Diadorim), de modo a que se reflecta, na estrutura e na forma da narrativa bem como no efeito sobre a leitura, a intenção de conformidade da narração e da leitura com a vida.

2. A autobiografia

Como em qualquer autobiografia, faz-se, em *GSV*, uma revisão do passado (nível a que, aliás, a actividade de narração se aproxima da de leitura, pois ao contar-se o ocorrido está-se sempre perante uma leitura¹⁵ – uma versão – do passado), mas estando sempre presente a

¹² BENJAMIN, 1992, pp. 47-8: “Porém o leitor do romance procura, realmente, pessoas nas quais possa ler o “sentido da vida”. (...) O romance não é, pois, significativo por nos descreve, de um modo um tanto instrutivo, um destino alheio, mas porque esse destino, graças à chama de que se alimenta, nos dá um calor que não encontramos no nosso próprio destino. O que atrai o leitor para o romance é a esperança de que a morte, que lhe é comunicada pela leitura, possa aquecer a sua fria vida.”

¹³ BENJAMIN, 1992, p. 46: “(...) de facto, não existe nenhuma narrativa em que não se possa pôr a pergunta: e o que é que se segue? O romance, pelo contrário, não admite que se dê o mais pequeno passo para além daquela fronteira demarcada pela palavra “Fim” na sua última página, altura em que convida o leitor a reflectir sobre o sentido da vida que se pressente.”

¹⁴ CHIAPPINI, 1998, p. 198: “À dificuldade de narrar corresponde à de ouvir e interpretar, pois o ouvinte-leitor tem que ser “bom entendedor”, perseguir também o fio da narração que arrisca se perder, produzir o sentido da fala rememorante, completar, pontuar, antecipar, tecer e fiar sem medo de errar, entendendo o figurado: (...)”; “(...) o suspense aparece também associado à necessidade de narrar para compreender e de reviver o vivido, fazendo o ouvinte-leitor reviver simultaneamente com o narrador, sem o que não compreenderia a emoção que acompanha os fatos.”

¹⁵ E, refira-se, como menciona BROOKS, 1992, p. 19, referindo-se a Barthes: “(...) the possibility of following a narrative and making sense of it, belong to the reader’s literary competence, his training as a reader of narrative. The reader is in this view himself virtually a text, a composite of all that he has read, or heard read, or imagined

impossibilidade da sua captura de uma forma completa e fechada¹⁶, pois como Riobaldo refere:

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.”¹⁷

De facto, como refere Sartre a propósito da sua autobiografia *Les Mots*¹⁸, para que a sua biografia tenha um significado, terá de ser contada como uma coisa acabada, com um sentido que só adquiriria depois do seu fim (da sua morte), pelo que, para narrar a sua história, torna-se o seu próprio obituário, nada podendo suceder ao narrado. Com Riobaldo é, em certa medida, também isto o que se passa: aquele que está "depois das tempestades" (*GSV*, p. 611), já só procura encontrar o que terá sido o seu passado, contando e remexendo o que viveu. O relato autobiográfico é “a construção da sua memória”¹⁹, sendo que esta

não existe, pois, enquanto entidade, mas é um processo dinâmico de construção imaginativa, que se relaciona à nossa posição diante de experiências passadas e ao nosso lugar no espaço-tempo presente. Ao narrar, Riobaldo não torna visíveis percepções que estariam armazenadas, mas torna visível uma transfiguração delas, fazendo-as assim, novas, mesmo para si próprio (...)²⁰.

Ou seja, é ao narrar que, para Riobaldo, "o real se dispõe"²¹, sendo, portanto, determinantes o outro (que ouve e permite a narração) e a linguagem, que adquire uma função criadora e

as written.”, pelo que a(s) leitura(s) dependerá(ão) sempre do próprio leitor, com o limite daquilo que o próprio texto permita.

¹⁶ Cfr., neste sentido, MACHADO & PEREIRA, 2001, p. 79: “(...) a tentativa de Riobaldo de *representar* sua experiência é guiada pelo reconhecimento da impossibilidade de capturá-la por qualquer meio que seja.”

¹⁷ *GSV*, p. 38.

¹⁸ A referência consta de BROOKS, 1992, p. 22.

¹⁹ A expressão é de MACHADO & PEREIRA, 2001, p. 79.

²⁰ MACHADO & PEREIRA, 2001, p. 80, sendo possível daqui inferir, mais uma vez, a dimensão de aproximação com a leitura do relato autobiográfico: assim como a construção da memória a que a autobiografia conduz depende das experiências passadas de cada um e do seu lugar no presente, também a leitura depende, como foi já referido, das experiências de vida de cada um dos leitores.

²¹ A utilização da expressão de *GSV*, p. 80 (“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”) consta de MACHADO & PEREIRA, 2001, p. 80.

constitutiva da própria realidade²². É esta função da linguagem e da língua, e a impossibilidade desta de reflectir objectivamente o real²³, bem como de saber o que é o próprio real, que é expressa, também, pela língua própria da obra de Guimarães Rosa. O hibridismo linguístico²⁴, que resulta, designadamente, na criação de palavras novas ou na recuperação do sentido etimológico das palavras, reflecte, para além desta função criadora da língua e de tentativa de expressão da complexidade do mundo, a dificuldade (impossibilidade) da sua apreensão global e, conseqüentemente, da sua expressão como coisa acabada²⁵.

3. A impossibilidade do significado

A revelação póstuma, num momento em que o conhecimento é já inútil, é também uma forma de mostrar a impossibilidade de descobrir o sentido e o significado procurados²⁶ (quer da vida, quer de qualquer texto literário). De facto, ocorrendo a revelação num momento em que já de nada serve, porque, sobrevivendo a morte de Diadorim, o amor entre ele (ela) e Riobaldo é tão impossível como o foi enquanto Diadorim vivia, o que com ela se realça é o erro em que se viveu, abrindo a porta para uma reequação de todo o passado com a consciência do engano. Só que a releitura do passado, na medida em que o conhecimento

²² Cf., quanto ao carácter constitutivo da linguagem, a afirmação de LISPECTOR, 2000, p. 20: “Quer dizer, sei-o bem, mas não o posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo.”

²³ Cf. MACHADO & PEREIRA, 2001, p. 84: “A memória é “caminho do que houve e do que não houve” (...). Ou seja, é impossível lembrar apenas do que efetivamente aconteceu – isso implicaria em conceder ao mundo uma objetividade que exclui a experiência singular – como também é impossível expressar a lembrança integralmente – isso implicaria em conceder à linguagem uma correspondência mecânica com o mundo, que ela não tem./ A narração, pois, “depõe em falso”. Na impossibilidade de capturar o “em si mesmo” do vivido, resta uma bela saída: inventar, fazer aparecer o que houve de absolutamente originário na experiência, lançando sobre ela um olhar ao mesmo tempo novo e original (...).”

²⁴ Cf. FINAZZI-AGRÒ, 2001, p. 57: “Uma língua virtual, então, que não é o produto de uma fuga banal em relação ao sentido, mas de um colocar-se de través entre os lugares-comuns da palavra e do sentido, aceitando encontrar o seu espaço na perda, na fragmentação do mundo e do seu discurso.”

²⁵ Veja-se, neste sentido, a declaração do próprio João Guimarães Rosa, em LORENZ, 1991, p. 72: “Escrevendo, descubro sempre um novo pedaço de infinito. Vivo no infinito; o momento não conta. (...) Quando escrevo, repito o que vivi antes. E para estas duas vidas um léximo apenas não me é suficiente.”, pondo em realce o carácter criador e absoluto da escrita (intemporal), sem deixar de considerar, sempre, a inevitabilidade da releitura (“descubro sempre”; o infinito, que é o absoluto, mas também o tudo em aberto).

²⁶ GSV, p. 505: “O que não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia.”

atingido o é tardiamente²⁷ e, portanto, inutilmente, é sempre uma releitura inconclusiva e, neste sentido, provisória, porque a busca do sentido que se procura não é nunca satisfeita.

Paralelamente, também o ouvinte e o leitor, ao tomarem conhecimento da revelação já no momento final do livro, são forçados à releitura de tudo o que ouviram (leram) antes, agora com a consciência do erro na leitura anterior. Assim, na narração o erro é repetido, pois o engano do leitor é necessário para que a leitura seja o mais próxima possível da vida narrada. Ao leitor é revelada a necessidade de releitura, de impossibilidade de fixação de um sentido único com a leitura, realçado ainda com o sinal de infinito final, que abre, também ele, para todas as novas leituras. Só que tal regresso, tal releitura, nunca permitirá o conhecimento prosseguido, na medida em que o passado já passou, e a sua restauração é impossível, exactamente por ter já passado e, ser, portanto, sempre tardia²⁸. Deste modo, como a revelação póstuma demonstra, a tentativa de recuperação de sentido do passado à luz do conhecimento presente é uma impossibilidade, pois que, como Riobaldo repetidamente afirma (*GSV*, p. 51, e p. 80, por exemplo):

Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou.

A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrado noutra galho. Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para lá de tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

De facto, o momento presente (“o meio da travessia”), apenas atinge o seu significado depois de ter passado²⁹, porque, enquanto por ele se passa, a preocupação é sempre, apenas,

²⁷ A mesma ideia resulta do conto “A terceira margem do rio” (ROSA, 2005), ao referir que a única pessoa que conheceria a explicação para a partida do pai para o meio do rio seria um homem que tinha já morrido. Ou seja, também neste caso, a fonte do conhecimento e da explicação estaria já inacessível.

²⁸ Cf. *GSV*, p. 616: “Fim que foi. / Aqui a estória se acabou. / Aqui, a estória acabada. / Aqui a estória acaba.”, e o que fica é apenas a tentativa de lhe descobrir o sentido, de a interpretar, que só poderá acontecer com um novo regresso a ela.

²⁹ Cf. BROOKS, 1992, p. 29: “(...) prior events, causes, are so only retrospectively, in a reading back from the end.”

com o futuro (os “lugares de saída e de chegada”). A vontade de recuperar o passado enquanto presente (isto é, de compreender o presente quando acontece), resulta também manifesta a pp. 260-1:

Você tem saudade de seu tempo de menino, Riobaldo?” – ele me perguntou, quando eu estava explicando o que era meu sentir. Nem não. Tinha saudade nenhuma. O que eu queria era ser menino, mas agora, naquela hora, se eu pudesse possível. Por certo que eu já estava crespo da confusão de todos. Em desde aquele tempo, eu já achava que a vida da gente vai em êrros, como um relato sem pés nem cabeça, por falta de sisudez e alegria. Vida devia ser como na sala do teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto seu papel, desempenho. Era o que eu acho, é o que eu achava.

sendo, aliás, a troca das formas verbais do período final reveladora tanto dessa vontade de apreensão do passado como presente (“é o que eu achava”), como da consciência de que o pensar do presente afecta o passado (“Era o que eu acho”), numa relação de interdependência, sem que uma das dimensões domine a outra.

Também na dimensão da leitura aquilo que se lê apenas adquire significado após a conclusão da mesma, depois de terminada a leitura, e não enquanto se lê. Uma revelação no final, ao questionar tudo o que antes tínhamos compreendido, pretende realçar o carácter inacabado da leitura, mostrando a necessidade da releitura. A releitura será necessariamente diferente da leitura, assim como cada releitura o será da anterior, pois que, com cada nova leitura, passaremos a conhecer coisas que não conhecíamos antes, na medida em que a leitura dependerá do leitor e da sua experiência, de vida e de leitura³⁰. Assim, como resulta manifesto do exemplo de Borges e do seu *Pierre Ménard, autor do Quixote*, se a literalidade, sem alteração do significado, é impossível na reescrita³¹, ela é também impossível na releitura, pois existirá sempre uma alteração do contexto histórico ou meramente pessoal em que cada um desses actos ocorre, o que concorre, também, para a provisoriedade de toda a leitura.

³⁰ Cf., neste sentido, ASSIS, 2005. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, esta ideia de que o livro dependerá da leitura é reforçada no capítulo LXXI, quando Brás Cubas afirma “(...) o maior defeito deste livro és tu, leitor.”, integrando assim, no livro, uma ideia de leitor, que se transforma numa ideia de livro, que, simultaneamente, é negada, por não existir adequação entre o que o livro é (“a obra em si mesmo”, referida no prólogo ao leitor) e a ideia de leitor nele integrada. Ou seja, o livro ao enunciar – e integrar – uma ideia de leitor que não se conforma com o que o livro é, questiona as possibilidades da leitura, no sentido da determinação de um significado.

³¹ Esta ideia pode ser encontrada em Linda Hutcheon, “Telling Stories: Fiction and History”, in *The Politics of Postmodernism*, (1989), pp. 47-61, *apud* MACEDO, 2008, p. 26.

Bibliografia utilizada

- Arrigucci Jr., Davi, “O mundo misturado (romance e experiência em Guimarães Rosa)”, in Pizarro, Ana (org.), *Palavra, literatura e cultura: vanguarda e modernidade*, São Paulo, Edunicamp, 1995, pp. 1-32 (http://lms.fu-berlin.de/webapps/portal/frameset.jsp?tab_id=_2_1&url=%2Fwebapps%2Fblackboard%2Fexecute%2Flauncher%3Ftype%3DCourse%26id%3D_10630_1%26url%3D, consultado a 31 de Maio de 2008);
- Assis, Machado de, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Lisboa, Livros Cotovia, 2005;
- Benjamin, Walter, “O Narrador. Reflexões sobre a obra de Nikolai Lesskov”, in Benjamin, Walter, *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa, Relógio D’Água Editores, 1992, pp. 27-57;
- Brooks, Peter, *Reading for the Plot. Design and Intention in Narrative*. Cambridge (MA), Harvard University Press, 1992;
- Chiappini, Ligia, “Grande Sertão: Veredas, metanarrativa como necessidade diferenciada”, in *Literatura Scripta*, Belo Horizonte, CELP-Minas 2, 1998, pp. 190-204 (http://lms.fu-bel.in.de/webapps/portal/frameset.jsp?tab_id=_2_1&url=%2Fwebapps%2Fblackboard%2Fexecute%2Flauncher%3Ftype%3DCourse%26id%3D_10630_1%26url%3D, consultada a 31 de Maio de 2008);
- Finazzi-Agrò, Ettore, *Um lugar do tamanho do mundo. Tempos e espaços da ficção em João Guimarães Rosa*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001;
- Lispector, Clarice, *Perto do Coração Selvagem*, Lisboa, Relógio D’Água Editores, 2000;
- Lorenz, Günter, “Diálogo com Guimarães Rosa”, in Coutinho, Eduardo F. (org), *Guimarães Rosa*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991, pp. 62-97;
- Machado, Gláucia Vieira & Pereira, Ondina Pena, “O real e o sertão: experimentalismo poético e pensamento trágico em Guimarães Rosa.”, in Duarte, Lélia Parreira & Alves, Maria Theresa Abelha (orgs.), *Outras margens - Estudos de obra de Guimarães Rosa*, Belo Horizonte, Autêntica, 2001, pp. 77-86 (http://lms.fu-bel.in.de/webapps/portal/frameset.jsp?tab_id=_2_1&url=%2Fwebapps%2Fblackboard%2Fexecute%2Flauncher%3Ftype%3DCourse%26id%3D_10630_1%26url%3D, consultado em 31 de Maio de 2008)
- Macedo, Ana Gabriela, *Narrando o Pós-Moderno: reescritas, re-visões, adaptações*, Braga, Universidade do Minho, 2008;
- Rosa, João Guimarães, *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2006;
- Rosa, João Guimarães, *Primeiras Estórias*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2005.